

## Introdução e avaliação do desenvolvimento e de produção de bananeira tipo maçã ‘BRS Princesa’ no Ceará e Rio Grande do Norte

**Rômulo Costa Prata<sup>1</sup>, Jaeveson da Silva<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>UFERSA - Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró, romulocostaprata@hotmail.com; <sup>2</sup>Embrapa Mandioca e Fruticultura, Cruz das Almas, jaeveson.silva@embrapa.br

O uso de novos genótipos de bananeira mais adaptados e produtivos, de menor porte, com melhor qualidade sensorial e de resistência ao transporte e às principais doenças, tem tido demanda crescentes de produtores e consumidores. Muitas regiões produtivas ainda se utilizam de genótipos que necessitam ser substituídos, principalmente aquelas do tipo Maçã e Prata, com resistência a doenças e de menor porte. O objetivo do trabalho foi introduzir e avaliar genótipo de bananeira tipo maçã, BRS Princesa, obtida do programa de melhoramento genético da Embrapa, em áreas de produção que se utilizam de sistemas irrigados, em diferentes municípios nos estados do Rio Grande do Norte (Parnamirim, Carnaubais, Alto Rodrigues, Ipanguaçu, Upanema, Baraúna) e Ceará (Quixeré e Limoeiro do Norte), que compreende regiões da Chapada do Apodi, Vale Mossoró-Açu e Litoral Leste (RN). Os pomares foram implantados em novembro de 2014, em áreas de produção comercial de grandes empresas agrícolas e empreendimentos familiares. As mudas foram obtidas por cultura de tecido (micropropagação), em Laboratório de Cultura de Tecidos da Embrapa, e finalizadas em viveiro da Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (EMPARN). Em cada município foi considerada uma Unidade Tecnológica de Observação (UTO), contendo entre 40 e 50 plantas, dispostas em até cinco linhas com dez plantas cada, considerando como parcela útil as plantas internas, descartando as do perímetro. O espaçamento indicado foi o de 2,5 m x 2,5 m, no entanto, o manejo da cultura, que inclui o espaçamento, irrigação, adubação, desfolha, controle de plantas infestantes e pragas e colheita, indicadas como orientação técnica, foi ajustado conforme necessidade e sistema de produção do agricultor, e utilizado para caracterização do manejo em cada local. Por ocasião da colheita do cacho tomou-se dados de perímetro do caule, altura da planta, número de folhas vivas e ocorrência de pragas e doenças. Tomou-se também os dados do número de dias de colheita, peso do cacho, número de frutos, número de pencas, peso da segunda penca, comprimento e diâmetro de frutos da segunda penca e o peso médio do fruto. Os dados obtidos foram analisados através de estatística descritiva, com intervalo de confiança de 95%. As plantas apresentaram altura média de 2,46±0,55 m, diâmetro do pseudocaule com média de 21,1±5,3 cm e nº folhas vivas com média 11,1±2,0 unid., indicando a adaptação da cultivar BRS Princesa as condições de manejos e climas aos quais foi submetida. Os maiores diâmetros do pseudocaule (30 cm), alturas de plantas (3,34 m) e folhas vivas (12,6 unid.) foram observados no município de Carnaubais, em que houve adubação orgânica somente, seguido de Pendências e Quixeré, um pouco inferiores. Em algumas áreas houve ocorrência de sintomas de doenças nas plantas, ocorrência de estresse hídrico e tombamentos. Considerou-se a UTO de Carnaubais como a área melhor manejada no cultivo da BRS Princesa, e sendo utilizada para descrição da produção do cacho, em que foi observado, em média, que os dias para colheita ficou em 358±6 dias (11,9 meses), massa do cacho de 19,31±3,13 kg, nº frutos/cacho de 126,8±14,4 unid., nº de pencas de 8,1±0,8 unid., nº frutos/penca de 15,7±2,7 unid., massa da penca de 2,38±0,61 kg, massa unitária do fruto de 151,1±26,0 g, comprimento do fruto de 17,1±1,3 cm e diâmetro do fruto de 4,3±0,3 cm. No espaçamento utilizado, a estimativa de produtividade do cacho para 1.250 plantas seria de 24,1 t ha<sup>-1</sup>, superior ao observado na média nacional (14,5 t ha<sup>-1</sup>).

**Significado e impacto do trabalho:** A presença de cultivares de banana, do tipo maçã, resistentes às principais doenças, como mal do Panamá e sigatoka amarela, confere continuidade da exploração agrícola da cultura e manutenção da renda e emprego no campo, além da redução do custo de produção e maior sustentabilidade ambiental e saúde para produtor e consumidor, considerando a redução significativa de intervenção agroquímica para controle manejo de controle.